



INSTRUMENTOS E TÉCNICAS DA PESQUISA

Maria Cândida Soares Del-Masso
Doutora em Educação. Professora assistente do Departamento de Educação Especial da
Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp – Marília.

Marisa Aparecida Pereira Santos
Doutora em Educação.

Maria Amélia de Castro Cotta
Doutora em Educação. Professora da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Unesp –
Presidente Prudente.

O conhecimento tem o poder de transformar a opacidade da realidade em caminhos “iluminados”, de tal forma que nos permite agir com certeza, segurança e previsão.

(LUCKESI, 1985, p. 51)

Olá, cursista!

No texto *Ética em Pesquisa: conceitos e finalidades*, mencionamos a diferenciação da pesquisa científica quanto à natureza, tipo e abordagem. Para realizar uma pesquisa científica é fundamental identificar na trajetória metodológica os instrumentos de pesquisa e as técnicas a serem utilizadas para a coleta de dados. Além disso, é importante considerar os aspectos éticos que envolvem esses procedimentos.

Neste texto, discutiremos os *Instrumentos e Técnicas de Pesquisa*. Conhecer esses procedimentos será de grande valia para o desenvolvimento do projeto de pesquisa e da monografia.

Uma das primeiras perguntas que nós fazemos após definir o objetivo da pesquisa é qual instrumento utilizar para realizar a coleta de dados. A escolha do instrumento e da técnica, na maioria das vezes, é realizada no momento em que elaboramos o projeto de pesquisa. Entretanto, ela pode sofrer alterações quando entramos em contato com o objeto de estudo (por exemplo, pesquisa bibliográfica ou documental) ou com os sujeitos/participantes da pesquisa.

Barbosa (2008, p. 1) argumenta que:

A decisão sobre que instrumento utilizar, como, onde e quando aplicar, etc. pode ser complexa, dependendo do porte e abrangência do projeto. Por outro lado, projetos de menor porte, como os que se desenvolvem dentro do limite da escola, podem ser monitorados e avaliados com dados obtidos a partir de instrumentos simples e de baixo custo.

Os instrumentos de pesquisa podem divergir de acordo com a natureza, o tipo e a abordagem da pesquisa. No que diz respeito à abordagem, Barbosa (2008, p. 1) aponta que:

Medidas quantitativas utilizam algum tipo de instrumento para obter índices numéricos que correspondem a características específicas das pessoas ou objetos da medição. O resultado da aplicação de um instrumento para medida quantitativa é um conjunto de valores numéricos que são resumidos e registrados sob a forma de relatórios. Consequentemente a qualidade das medidas influi diretamente nesses resultados.

Esse procedimento é muito utilizado no desenvolvimento de pesquisa descritiva, na busca para descobrir e classificar a relação entre variáveis, como também na investigação da relação causa e efeito.

As pesquisas de abordagem qualitativas envolvem instrumentos que possuem diferentes características, como roteiro de entrevista, roteiro de observação e questionário, por exemplo.

Para a realização da pesquisa científica utilizamos diferentes técnicas para aplicar o instrumento de coleta de dados, que nos darão subsídios para a análise do material coletado e do contexto pesquisado, dados esses que irão responder se nosso questionamento foi respondido ou não. Assim, é fundamental construirmos o *instrumento* que será utilizado e identificar qual a *técnica* mais adequada para a coleta dos dados.

Tanto os instrumentos quanto as técnicas têm diferentes entendimentos conforme os autores estudados.

Segundo Marconi e Lakatos (2009, p.176), a técnica de pesquisa é compreendida como “um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência ou arte; é a habilidade para usar esses preceitos ou normas, a parte prática”. Segundo as autoras, para a coleta de dados são utilizadas técnicas de pesquisa “de documentação indireta que consiste da pesquisa documental e pesquisa bibliográfica” e de “documentação direta que constitui no levantamento de dados no próprio local onde os fenômenos ocorrem. [...] os dados podem ser obtidos através da pesquisa de campo ou da pesquisa de laboratório” (MARCONI; LAKATOS, 2009, p.188).

Na perspectiva de Volpato (2013, p. 218), muitas vezes se usa:

[...] método como sinônimo de técnica. Método, no entanto, pode ser usado para significar os processos lógicos de aquisição do conhecimento empregados na Ciência. Assim, há basicamente dois métodos: o dedutivo e o indutivo.

O método dedutivo consiste na elaboração de ideias (teses, hipóteses etc.) com a posterior coleta de dados para teste dessas conjunturas. No método indutivo preconizamos o contrário. Estabelecido determinado tema, coletamos dados e, posteriormente, abstraímos desses dados generalizações possíveis. Ou seja, partimos do geral para o particular (dedutivo) ou do particular para o geral (indutivo).

Nos dois casos, dedutivo ou indutivo, os meios específicos utilizados para coleta dos dados são as técnicas.

Complementando, o autor argumenta que a partir dos diferentes aspectos “podemos considerar os métodos dedutivo e o indutivo como estratégias mais amplas na aquisição do conhecimento, enquanto que as outras formas que direcionam a coleta de dados específicos seriam as técnicas” (VOLPATO, 2013, p.219).

Neste texto não abordaremos todos os instrumentos e todas as técnicas de pesquisa conforme definem os diversos teóricos, mas aqueles que consideramos que sejam compatíveis com o tipo de pesquisa científica proposta na concepção deste curso.

Assim, abordaremos primeiramente os instrumentos de pesquisa que consideramos para o nosso curso e, em seguida, as respectivas técnicas de pesquisa para a coleta dos dados.

1. Instrumentos de pesquisa para o Redefor Educação Especial e Inclusiva

Nesta seção iremos abordar os instrumentos de pesquisa que serão utilizados para a realização da pesquisa científica junto ao curso de especialização Redefor Educação Especial e Inclusiva: roteiro de entrevista, roteiro de observação, questionário e diário de bordo.

Há diversos tipos de instrumentos para coleta de dados. Segundo Dyniewicz (2009, p. 125), são considerados instrumentos a “entrevista, questionário, formulário, observação, medidas de opinião e atitudes, testes, escalas e equipamentos para testes”.

Conforme citam Marconi e Lakatos (2010, p. 165), a seleção do instrumento está diretamente relacionada com:

o problema a ser estudado; a escolha dependerá dos vários fatores relacionados a pesquisa, ou seja, a natureza dos fenômenos, o objeto da pesquisa, os recursos financeiros, a equipe humana e outros elementos que possam surgir no campo da investigação.

Os instrumentos de pesquisa são ferramentas construídas pelo pesquisador (neste caso, o cursista) ou instrumento já validado por outros pesquisadores e que o cursista irá se apropriar para que possa ser aplicado em diferentes contextos e realidades.

Comumente, a partir da proposta de pesquisa e do respectivo objetivo, o pesquisador constrói o seu instrumento de pesquisa – roteiro de entrevista, roteiro de observação, questionário com perguntas abertas e/ou fechadas e diário de bordo – considerando o que pretende investigar em seu estudo e qual informação pretende coletar.



O instrumento deverá fazer parte tanto do projeto de pesquisa quanto da monografia e será inserido ao final do texto, após o item Referências. Caso o instrumento de pesquisa seja elaborado pelo cursista-pesquisador, esse item será denominado *Apêndice*. Caso o instrumento seja de autoria de outro pesquisador que não o autor do trabalho, o item será denominado *Anexo*.

É fundamental que o instrumento seja inserido para complementar as informações do trabalho final de pesquisa.

1.1 Roteiro de Entrevista

Para a elaboração do roteiro de entrevista é fundamental que o pesquisador tenha em mente quem irá realizar a entrevista, quem será o entrevistado, qual o ambiente em que a entrevista será realizada e qual o meio utilizado, se pessoalmente ou por telefone. Esses

aspectos serão mais bem esclarecidos no item Técnicas de Pesquisa, mas é importante citá-los, pois a partir deles deve ser elaborado o roteiro de entrevista.

Por roteiro de entrevista se entende, como aponta Minayo (2010, p.189), “uma lista de temas que desdobram os indicadores qualitativos de uma investigação. [...] o roteiro deve apresentar-se na simplicidade de alguns tópicos que guiam uma conversa com finalidade”. A autora ressalta que o roteiro difere do instrumento questionário, pois este último pressupõe “hipóteses e questões bastante fechadas cujo ponto de partida são as referências do pesquisador” (MINAYO, 2010, p.190).

Assim, o roteiro deverá ser um guia para direcionar a entrevista que o pesquisador irá realizar. O roteiro de entrevista poderá conter questões abertas e/ou fechadas e, embora esteja previamente elaborado, nada impede que, quando aplicado (técnica de entrevista), o pesquisador realize outras perguntas que julgar necessária naquele momento, com o intuito de não perder a informação.

O ponto de partida para a elaboração do roteiro é o objetivo da pesquisa. As perguntas deverão ser bem elaboradas, claras e não sugerirem dupla interpretação. É fundamental que antes da coleta de dados da pesquisa seja realizado o pré-teste do roteiro entrevistando pessoas em condições similares aos que serão os participantes da pesquisa, entretanto pertencentes a outro contexto. Essa ação tem o intuito de eliminar questões mal formuladas, com dificuldade de interpretação pelo entrevistado e a possível inclusão de questões que não haviam sido pensadas e surgiram no decorrer do pré-teste.

1.2 Roteiro de Observação

Para realizar a observação enquanto técnica de pesquisa é importante que se tenha estabelecido o que se quer observar. A observação pode ser realizada em situação real ou a partir de filmagens/gravações de um determinado contexto.

Conforme argumenta Vianna (2007, p.11) uma:

pesquisa observacional, para ser considerada como tendo significado científico, deve apoiar-se em fundamentos teóricos consistentes relacionados à natureza dos fatos ou comportamentos a serem observados. Sem a teoria e um corpo de conhecimentos bem estruturados, a pesquisa observacional certamente produzirá elementos esparsos e não conclusivos.

Para que a observação tenha validade é importante elaborar um roteiro com os principais aspectos que se pretende observar e que o pesquisador tenha clareza nos dados a serem observados para não inferir informações, ou seja, não trazer o viés seletivo do pesquisador, quando da coleta dos dados.

O roteiro deve contemplar pontualmente o que se quer observar especificando o espaço e/ou relações entre pessoas e deverá conter a data que será realizada a observação, quem ou qual contexto será observado, qual o tempo que será utilizado para a observação, como os dados serão registrados, entre outros itens importantes para o pesquisador realizar a análise dos dados.

As fotografias e as filmagens também são formas de registro. No caso das filmagens, é necessária a posterior transcrição. Na transcrição você revê as ações e as transcreve, ressaltando os aspectos relacionados à sua pesquisa. Segundo Vianna (2007, p. 43), esse tipo de observação “atenua a influência do *viés do observador* [...]”. Cabe ainda lembrar que

o observador precisa desenvolver um método pessoal para fazer as suas anotações, para não ser traído pela sua memória e, além disso, deve fazer um registro de natureza narrativa de tudo que foi constatado no período de observação (VIANNA, 2007, p. 59).

Assim, independente do procedimento de observação, se *in loco* ou mediante gravação, é importante ter um roteiro com os itens a serem observados bem delimitados, para que o pesquisador possa realizar a análise desse material como parte de sua proposta de pesquisa.

1.3 Questionário

O questionário é um dos instrumentos de pesquisa mais conhecidos para a coleta de dados, sendo constituído de questões abertas e/ou fechadas versando sobre um determinado tema de pesquisa. O questionário é aplicado a um grupo de pessoas selecionadas previamente segundo critérios científicos, normalmente sem a presença do pesquisador. Deve ser bem elaborado e compatível com o objetivo de pesquisa.

Na concepção de Gray (2012, p. 274), muitas pessoas no mundo:

empresarial e educacional já tiveram experiências com o uso de questionário, mas poucas sabem o quanto é difícil construir questionários que sejam válidos, confiáveis e objetivos.

Em um estudo que envolva a busca de opiniões e perspectivas em profundidade de um pequeno número de respondentes, um questionário altamente estruturado pode ser completamente inadequado e talvez seja interessante construir um plano de entrevista contendo perguntas abertas, adotando a abordagem descritiva.

Por outro lado, onde o público for relativamente grande, [...] o questionário é ideal, e permitirá, se for necessário, uma abordagem analítica explorando as relações entre variáveis.

O questionário possibilita que o participante responda dentro do prazo estipulado pelo pesquisador e conforme a sua disponibilidade de tempo e de participação, devolvendo, dentro do prazo, ao pesquisador. Caso isso não ocorra, esse participante da pesquisa deverá ser excluído do grupo de participantes.

Segundo Vieira (2009, p. 14),

O questionário é apresentado aos participantes da pesquisa, chamados *respondentes*, para que respondam às questões e entreguem o questionário preenchido ao entrevistador, que pode ser ou não o pesquisador principal. As respostas são transformadas em *estatísticas*.

Um dos aspectos primordiais neste instrumento é o modo como se planeja o questionário. As questões devem ser muito bem pensadas, evitando-se induções ou dupla interpretação.

Para o cursista-pesquisador que optar pelo questionário, *alguns aspectos devem estar definidos no projeto de pesquisa sendo eles: os objetivos do trabalho e o tipo de respondentes, ou seja, perfil dos participantes que se quer ter a informação* (grifo nosso).

Complementando, Vieira (2009, p. 24) cita como tais aspectos devem aparecer no projeto de pesquisa sugerindo que “[...] seja sempre muito específico ao redigir o objetivo de sua pesquisa. Não escreva: O objetivo desse questionário é levantar algumas informações sobre moradores de rua”. Aponte, por exemplo, que o objetivo deste questionário é identificar o número de alunos de 7 a 11 anos de idade com necessidades especiais na escola pública X localizada num bairro periférico da cidade Y do estado de São Paulo.

Há possibilidade de o respondente não querer responder a determinada pergunta. Não é necessário insistir. Esse pode ser mais um dado para a sua pesquisa. Garanta o anonimato dos respondentes e explique previamente o objetivo do questionário e que as respostas serão mantidas em sigilo e somente serão usadas no escopo deste estudo.

Lembre-se que ao optar por um instrumento de pesquisa, em especial o questionário, é essencial que se defina o gênero (sexo) e a data de nascimento dos respondentes para que o pesquisador possa calcular a idade. Isso ajudará não somente traçar um perfil do grupo pesquisado, como poderá também oferecer outros elementos não pensados *a priori*. É importante ainda que:

A linguagem do questionário seja cuidadosa e pensada de acordo com as características do respondente;
Todo questionário deve ser precedido de carta de apresentação explicando ao respondente o objetivo do estudo.

Ao registrar sobre o uso do questionário na monografia, Del-Masso (2012, p. 46) alerta para alguns cuidados necessários:

No caso do uso de questionário, devemos informar como foi aplicado: se foi enviado via correio convencional ou eletrônico, qual o tempo que o participante teve para a devolução do material respondido; se foi aplicado pelo próprio pesquisador, qual o tempo de duração dessa atividade etc., além de outras formas usadas para a coleta de dados.

Outro aspecto importante a considerar, conforme argumenta Gray (2012, p. 276), é o pré-teste, ou o “piloto do questionário” e esse procedimento “ajuda a eliminar ou, pelo menos, reduzir perguntas que tenham a probabilidade de levar a enganos”.

Ao planejar e elaborar o questionário é importante discutir e analisar com seu tutor e/ou orientador a relação das questões com o objetivo da pesquisa e se este é o melhor instrumento para a coleta de dados.

1.4 Diário de Bordo

O diário de bordo, também conhecido como diário de campo é um instrumento de coleta de dados muito comum na área pedagógica. O diário pode ser feito em um caderno, numa caderneta, numa agenda, em seu próprio computador ou com outra ferramenta. Para que as informações tenham validade científica é importante verificar se esse diário contempla a data e o nome dos participantes. Essas informações são fundamentais, pois mediante ao instrumento diário de bordo compreendemos a relevância dos dados. Sob o ponto de vista de Minayo (1996, p. 64) “quanto mais ricas forem as anotações nesse diário, maior será o auxílio que oferecerá à descrição e análise do objeto estudado”.

2. Técnicas de Pesquisa para o Redefor Educação Inclusiva

As técnicas são procedimentos operacionais que servem de mediação prática para a realização das pesquisas. Elas podem ser utilizadas em pesquisas conduzidas mediante diferentes metodologias e fundadas em diferentes epistemologias, especifica Severino (2007).

Complementando, Dyniewicz (2009, p. 125) argumenta que as “técnicas são procedimentos de coleta de dados para cada objeto de pesquisa. É a instrumentação específica da ação como meio auxiliar do método”.

Mantivemos o uso da palavra método, assim como a autora, pois o entendemos como sendo a aplicação de uma técnica (método) com o uso de um determinado instrumento (instrumentação). Para tal nos respaldamos na reflexão de Volpato (2013, p. 219) ao informar a sua compreensão de:

métodos indutivo e dedutivo como estratégias mais amplas na aquisição do conhecimento, enquanto que as outras formas que direcionam a coleta de dados específicos seriam as técnicas. [...] Assim, quando lemos a palavra Método num discurso sobre a lógica científica, devemos pensar nos métodos dedutivo e indutivo. Mas se ele aparece como parte de um texto científico (principalmente na área empírica), certamente estará englobando também as técnicas. Não considerar isso é ater-se a um perfeccionismo linguístico que já não faz mais sentido.

Para que as técnicas sejam adequadamente utilizadas, os instrumentos devem ser elaborados conforme o objetivo da pesquisa proposta. É interessante apontar, no que diz respeito à relevância da pesquisa na formação de professores, que:

muitas das pesquisas de cunho qualitativo realizadas nas escolas, não somente por especialistas e acadêmicos ligados à educação, mas também por professores que, no exercício de suas funções, analisam e teorizam as observações do seu próprio fazer pedagógico, sendo esse o caso do professor pesquisador (PENITENTE; DEL-MASSO; CASTRO, 2012, p. 683).

Entretanto, ressaltam as autoras, muitas vezes não está claro o que vem a ser “essa pesquisa que os professores tentam desenvolver em suas práticas e que podem se confundir com o planejamento de aula” (PENITENTE; DEL-MASSO; CASTRO, 2012, p. 683). Assim, a clareza do objetivo, a adequada proposta para a coleta de dados (instrumentos) e o procedimento de coleta de dados (técnicas), possibilitará ao pesquisador evitar equívocos que possam prejudicar sua pesquisa.

São muitas as formas de procedimentos e de uso da técnica para a coleta de dados. Assim, citaremos as mais utilizadas em pesquisas na educação, com especial ênfase nas técnicas de entrevista, observação, análise documental e grupo focal.

Cabe salientar que antes do início da coleta de dados, independente da modalidade escolhida, o respondente deve ser informado das questões éticas e deve assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que os dados coletados após análise possam ser publicados e divulgados cientificamente. Este documento é de caráter institucional e utilizado após aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

2.1 Realização da Entrevista

O uso da entrevista com uma das principais técnicas de pesquisa para a coleta de dados se direciona a vários propósitos. Conforme cita Stake (2011, p.108), para um pesquisador qualitativo, os principais propósitos são:

1. Obter informações singulares ou interpretações sustentadas pela pessoa entrevistada;
 2. Coletar uma soma numérica de informações de muitas pessoas;
 3. Descobrir sobre “uma coisa” que os pesquisadores não conseguiram observar por eles mesmos.
- O primeiro e o terceiro são adaptados aos indivíduos e com frequência as entrevistas devem ser coloquiais, com o entrevistador fazendo perguntas investigativas para esclarecer e refinar as informações e as interpretações.

A entrevista é o tipo mais comum de técnica de coleta de dados em pesquisa, argumenta Dyniewicz (2009). A autora aponta que a entrevista tem por finalidade:

obter informações verbais de uma parcela representativa de uma população. Seus objetivos são: Atender aos propósitos da pesquisa; auxiliar, como roteiro, na coleta de dados; e ajudar a motivar o entrevistado. A preparação da entrevista é uma etapa importante da pesquisa. Requer tempo, devendo o pesquisador ter uma ideia clara da informação de que necessita, e exige algumas medidas, tais como: planejamento, conhecimento prévio do entrevistado, oportunidade de entrevista, condições favoráveis, contato com líderes, conhecimento prévio do campo e preparação específica (DYNIEWICZ, 2009, p.127-128).

Na perspectiva de Silverman (2009, p. 110), “um dos pontos fortes da pesquisa qualitativa é sua capacidade para acessar de imediato o que acontece no mundo – isto é, examinar o que as pessoas de fato fazem na vida real, em vez de lhes pedir para comentar a respeito”. O autor acrescenta que:

o mundo nunca nos fala diretamente, mas é sempre codificado via instrumentos de registro, como anotações de campo e transcrições. Mesmo que usemos gravações de áudio ou vídeo, o que ouvimos e vemos é mediado por onde colocamos nosso equipamento. [...] Quando os pesquisadores qualitativos justificam o uso de entrevistas, eles tendem a se esquecer de outros métodos qualitativos e apenas enfatizam as vantagens da entrevista aberta em comparação com a entrevista ou com o questionário (SILVERMAN, 2009, p. 110-111).

Não é tão fácil convencer as pessoas a falar. Um dos aspectos fundamentais é demonstrar ao entrevistado a seriedade da pesquisa. A entrevista é uma conversa entre pessoas, na qual

uma cumpre o papel de pesquisador, cita Gray (2012, p. 299). O autor ressalta que, com muita frequência, o entrevistador precisa:

ter à mão um conjunto de perguntas escritas que são organizadas de forma estruturada e metodológica (uma entrevista estruturada). Outra possibilidade é que essas perguntas sejam usadas apenas como um auxílio à memória, para lembrar o pesquisador das áreas principais que precisam ser exploradas. [...] A entrevista pode representar desafios em função da interação humana entre entrevistador e respondente. O primeiro tem que fazer perguntas (em formato estruturado, semiestruturado ou não estruturado), ouvir (e captar dados) as respostas e fazer novas perguntas. Se o formato da entrevista for relativamente desestruturado, essas perguntas têm que ser construídas no momento. O entrevistador também pode não apenas escutar as respostas verbais, mas observar outros elementos do processo de entrevista, como a linguagem corporal do entrevistado. [...] a entrevista bem conduzida é uma ferramenta poderosa para evocar dados ricos sobre visões, atitudes e sentimentos que embasam as vidas e os comportamentos das pessoas (GRAY, 2012, p. 299).

Ter em mãos um roteiro de entrevista (instrumento), independente de sua forma estruturada ou não, realizar uma abertura da entrevista de forma acolhedora, explicar o objetivo da pesquisa e o motivo da gravação são comportamentos éticos fundamentais para um bom pesquisador e que deverão estar claros ao respondente. Ao término da entrevista é importante que o pesquisador agradeça o respondente e solicite a ele um possível retorno, caso necessário.

Deixe o entrevistado se sentir seguro com a sua presença e garanta a ele o seu sigilo. Não é o momento de embates e discordâncias.

Assim como os instrumentos, existem diferentes tipos de entrevista, que variam de acordo com o objetivo do estudo e propósito do entrevistador. Segundo Marconi e Lakatos (2009, p. 199), os tipos de entrevistas são:

- a) **Padronizada ou estruturada:** é aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas aos respondentes são pré-determinadas. O pesquisador não é livre para adaptar suas perguntas à determinada situação, de alterar a ordem dos tópicos ou de fazer outras perguntas;
- b) **Despadronizada ou não estruturada:** o entrevistador tem liberdade de desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de explorar mais amplamente uma questão. Em geral as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversação informal;
- c) **Painel:** Consiste na repetição de perguntas, de tempo em tempo, às mesmas pessoas, a fim de estudar a evolução das opiniões em períodos curtos. As perguntas devem ser formuladas de maneira diversa, para que o entrevistado não distorça as respostas com essas repetições.

As autoras complementam o tipo de entrevista despadronizada ou não estruturada, buscando respaldo em “Ander-Egg (1978, p. 110), [que] apresenta três modalidades. A entrevista

focalizada, a clínica e a não dirigida” (MARCONI; LAKATOS, 2009, p. 199). Essas modalidades são interpretadas como:

Entrevista focalizada: há um roteiro de tópicos relativos ao problema que se vai estudar e o entrevistador tem liberdade de fazer perguntas que quiser: sonda razões e motivos, dá esclarecimentos, não obedecendo, a rigor, a uma estrutura formal. Para isso, são necessários habilidade e perspicácia por parte do entrevistador. Em geral, é utilizada em estudos de situações de mudança de conduta.

Entrevista clínica: trata-se de estudar os motivos, os sentimentos, a conduta das pessoas. Para esse tipo de entrevista pode ser organizada uma série de perguntas específicas.

Não dirigida: há liberdade total por parte do entrevistado, que poderá expressar suas opiniões e sentimentos. A função do entrevistador é de incentivo, levando o informante a falar sobre determinado assunto, sem, entretanto, forçá-lo a responder. (ANDER-EGG, 1978, p. 110 *apud* MARCONI; LAKATOS, 2009, p.199)

Sobre a forma de registrar o uso deste instrumento no projeto de pesquisa e monografia, Del-Masso (2012, p. 46) aponta que “no caso do uso de entrevista, devemos descrever como ela foi efetuada: se foi gravada, informar o tempo médio de duração de cada entrevista, local de realização da entrevista, entre outras informações relevantes”.

2.2 Aplicação do Questionário

O uso do questionário como técnica de coleta de dados é composto por uma série de perguntas elaboradas previamente que é o instrumento de pesquisa.

Segundo Marconi e Lakatos (2009, p. 203), o questionário deve ser “respondido por escrito e sem a presença do entrevistador. Em geral, o pesquisador envia o questionário ao informante, pelo correio ou por um portador; depois de preenchido, o pesquisado devolve-o do mesmo modo”. As autoras apontam que junto ao questionário deve acompanhar uma nota ou carta explicando:

a natureza da pesquisa, sua importância e a necessidade de obter resposta, tentando despertar o interesse do recebedor, no sentido de que ele preencha e devolva o questionário dentro de um prazo razoável.

Em média, os questionários expedidos pelo pesquisador alcançam 25% de devolução (MARCONI; LAKATOS, 2009, p. 203).

Entre as características gerais do questionário, de acordo com Vieira (2009, p. 14), há três formas básicas de aplicação: “a) questionário de autoaplicação, b) questionários aplicados em entrevistas por telefone; e c) questionários aplicados em entrevistas face a face”. Acrescido a isso e frente às inovações tecnológicas apontamos mais duas formas de aplicação: o questionário

por escrito ou via correio eletrônico aplicado para um grupo pré-definido de participantes e questionário aplicado via correio eletrônico para pessoas que fazem parte do objeto da pesquisa.

Esta técnica de pesquisa apresenta algumas vantagens como economia de tempo, maior número de pessoas, maior abrangência entre outras. Entretanto, há o risco de pouca devolução, muitas perguntas sem resposta, o respondente deve ser alfabetizado, às vezes não é o pesquisado quem responde ao questionário, entre outros aspectos. Apesar desses pontos, é uma ótima técnica de pesquisa.

2.3 Realização da Observação

A observação, sob o ponto de vista de Marconi e Lakatos (2009, p. 192), é uma técnica de coleta de dados para “conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar”.

A observação varia de acordo com as circunstâncias e é imprescindível em qualquer tipo ou modalidade de pesquisa. É um método de coleta de dados que exige do pesquisador preparação e definições que também devem estar especificados no projeto de pesquisa. Apesar de usarmos continuamente esse termo e ação em nosso cotidiano, no caso da pesquisa científica, a observação é também uma atividade científica. Assim, é preciso lembrar que:

[...] a observação tem um lado humano. Ninguém pode ser totalmente objetivo. Todavia você pode aumentar sua objetividade, significativamente, diferenciando entre o que realmente vê e ouve, os fatos, e aquilo que você pensa que vê, suas opiniões e interpretações das ações (JABLON; DOMBRO; DICHELMILLER, 2009, p. 52).

A busca de detalhes por meio da observação direta é um grande desafio. Esse tipo de observação envolve um planejamento criterioso, um processo de fazer perguntas e tomar decisões. No entanto, usá-la em uma pesquisa, não exclui o emprego de outros métodos de coleta de dados, como por exemplo, o questionário, a entrevista, entre outros.

Segundo Vianna (2007, p. 20), uma observação poderá ser “aberta ou oculta”. Na primeira, o observador é visível aos observados que sabem que estão sendo objeto de pesquisa e na segunda, os observados não sabem que estão sendo observados. Vianna (2007, p. 20) ao citar Selltiz *et al* (1967), apresenta quatro questões que devem ser consideradas e que auxiliarão no planejamento do emprego da observação:

- a) O que deve ser efetivamente observado?
- b) Como proceder para realizar o registro dessas observações?
- c) Quais os instrumentos para garantir a validade das observações?
- d) Que tipo de relação estabelecer entre observador e observado, qual a sua natureza e como implementar essa relação?

Em relação à natureza da observação, ela poderá ser estruturada e semiestruturada, cita Vianna (2007). A observação estruturada é aquela que acontece em condições controladas para se responder aos objetivos que foram definidos. Requer planejamento e necessita de operações específicas para o seu desenvolvimento. Acrescido a isso,

As observações totalmente estruturadas ocorrem em laboratório e, em geral partem da pré-construção de hipóteses. As observações de campo são em geral semiestruturadas, têm lugar em contexto natural e, na maioria das vezes, não procuram dados quantificáveis, que apenas eventualmente são coletados (VIANNA, 2007, p.21).

A observação semiestruturada é a que ocorre em decorrência de fenômenos que surge de imprevisto. O principal cuidado que é recomendado nesta modalidade de observação está relacionado com a possibilidade de o pesquisador provocar alterações no comportamento dos observados, muitas vezes afetando a espontaneidade dos mesmos e produzindo resultados pouco confiáveis.

Assim, a partir do instrumento de pesquisa – roteiro de observação – o pesquisador deverá anotar todas as informações obtidas e os aspectos observados para que possa realizar a análise dos dados.

2.4 Grupo Focal

O grupo focal é uma modalidade de pesquisa qualitativa realizada com um grupo específico de participantes sobre um determinado tema.

No âmbito das abordagens qualitativas em pesquisa social, a técnica de grupo focal vem sendo cada vez mais utilizada, argumenta Gatti (2005). O grupo focal pode ser caracterizado como uma “técnica derivada das diferentes formas de trabalho com grupos, amplamente desenvolvidas na psicologia social” (GATTI, 2005, p. 7). A autora complementa que o trabalho com grupos focais permite:

Compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores,

restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado. A pesquisa com grupos focais, além de ajudar na obtenção de perspectivas diferentes sobre uma mesma questão, permite também a compreensão de idéias partilhadas por pessoas no dia a dia e dos modos pelos quais os indivíduos são influenciados pelos outros (GATTI, 2005, p.11).

Nessa perspectiva, é possível compreender que a principal característica desta técnica é o trabalho com a reflexão sobre a fala dos participantes, que podem ou não se manter durante o período de investigação, dependendo do propósito da pesquisa.

Saiba Mais!

Leia o texto:

Grupos Focais e Pesquisa Social Qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação

Autores: Otávio Cruz Neto (FIOCRUZ/ENSP), Marcelo Rasga Moreira (FIOCRUZ/ENSP/DCS) e Luiz Fernando Mazzei Sucena (FIOCRUZ/ENSP/DCS).

Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro de 2002.

Disponível em: <http://goo.gl/3szzvo>.

Referências

BARBOSA, Eduardo F. Instrumentos de coleta de dados em pesquisas educacionais. 2008. Disponível em: <http://goo.gl/BGnMbU>. Acesso em: 22 mai 2014. 05 p.

DEL-MASSO, Maria Candida Soares. *Metodologia do Trabalho Científico: Aspectos Introdutórios*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. 66 p.

DYNIEWICZ, Ana Maria. *Metodologia da pesquisa em saúde para iniciantes*. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2009. 207 p.

GATTI, Bernadete Angelina. *Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*. Brasília: Liber Livro Editora, 2005. 75 p.

GRAY, David E. *Pesquisa no mundo real*. Porto Alegre; Penso, 2012. 488 p.

JABLON, Judy R, DOMBRO, Amy Laura, DICHELMILLER, Margo L. *O poder da observação* (do nascimento aos 8 anos). Porto Alegre: ArtMed, 2009. 189 p.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Fazer universidade: uma proposta metodológica*. São Paulo: Cortez, 1985. 288 p.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas, 2009. 315 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2010. 407 p.

PENITENTE, Luciana Aparecida de Araújo; DEL-MASSO, Maria Candida Soares; CASTRO, Rosane Michelli de. Processos de pesquisa e de estudo e a formação de professores: alguns aspectos teórico-metodológicos. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 12, n. 37, p.681-699, set/dez. 2012.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2007. Disponível em: <<http://goo.gl/9BPz7I>>. Acesso em: 12 jun. 2014.

SILVERMAN, David. *Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações*. Porto Alegre: Artmed, 2009. 376 p.

STAKE, Robert E. *Pesquisa Qualitativa: estudando como as coisas funcionam*. Porto alegre: Penso, 2011. 263 p.

VIANNA, Heraldo Marelím. *Pesquisa em Educação - a observação*. Brasília: Liber Livro, 2007. 103 p.

VIEIRA, Sonia. *Como elaborar questionário*. São Paulo: Atlas, 2009. 159 p.

VOLPATO, Gilson Luiz. *Ciência: da filosofia à publicação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. 377 p.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

APPOLINÁRIO, Fábio. *Dicionário de metodologia científica: um guia para a produção do conhecimento científico*. São Paulo: Atlas, 2011. 295 p.

 Créditos

